

O PAPEL DO PROFESSOR INACIANO FRENTE AOS DESAFIOS DA CONTEMPORANEIDADE

Delamare de Oliveira Filho¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar algumas das funções do professor inaciano frente aos desafios do mundo contemporâneo. Destacamos, inicialmente, o contexto atual, marcado sobremaneira por um turbilhão de informações, meios tecnológicos e seus efeitos nas formas de ser e de estar no mundo. Tal contexto é estudado com muita propriedade por Zygmunt Bauman, um dos mais respeitados sociólogos da contemporaneidade. Em seguida, apresentamos o período histórico em que foi fundada a Companhia de Jesus, o reflexo social dessa criação, bem como os pressupostos e as contribuições de Santo Inácio de Loyola. Por fim, enfatizamos o papel do professor inaciano à luz da Pedagogia Inaciana. A partir do legado de Santo Inácio, o professor inaciano é convidado a contribuir, a partir de sua prática pedagógica e, sobretudo, através de seu testemunho de vida, para a formação integral dos alunos que ingressarem nas instituições da Companhia de Jesus, possibilitando, assim, a formação de cidadãos conscientes e críticos, preocupados e atuantes na busca de iniciativas criativas e responsáveis, visando a transformar a realidade em vista de um bem comum.

Palavras-chave: Educação, Contemporaneidade, Pedagogia Inaciana, Professor Inaciano, Companhia de Jesus

PAPER OR DO INACIANO PROFESSOR CHALLENGES FACING AOS DA CONTEMPORANEIDADE

ABSTRACT

The present Article aims to analyze some of the functions of professor Ignatian ahead to the challenges of the contemporary world. Initially it highlights the current context, marked particularly by a great deal of information, technological means and its effects on the ways of being and living in the world. This context is studied with great property by Zygmunt Bauman, one of the most respected sociologists of Contemporaneity. Then, it presents the historical period in which it was founded the Society of Jesus, the social reflex of this creation, as well as the assumptions and the contributions of St Ignatius of Loyola. Finally, it emphasizes the role of the teacher of the Ignatian Pedagogy. From the Legacy of Saint Ignatius, the Ignatian teacher is invited to contribute from their pedagogical practice, and, above all through their witness of life, for the integral formation of the students who join in the institutions of the Company of Jesus, thus enabling, formation of critical and aware citizens, concerned and active in search of creative and responsible initiatives, seeking to transform the reality in view of a common good.

Keywords: Educacion, Contemporaneity, Ignatian Pedagogy, Ignatian Teacher, Company of Jesus

¹ Mestre em Educação, História e Política pelo PPGE/UFSC. Licenciado em Geografia pela UFSC. Atualmente é professor nas seguintes instituições: * ensino médio no Colégio Catarinense; * ensino fundamental e médio no Colégio Paulo Freire; * ensino fundamental e medio no Colégio Nossa Senhora de Fátima; * ensino supletivo no Curso e Colégio Definição e, * ensino superior no Instituto Catarinense de Pós-Graduação com a disciplina "Espaço e Cartografia".

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar algumas das funções do professor inaciano frente aos desafios da contemporaneidade. Para melhor visualização por parte do leitor e sistematização de nossas aspirações, o artigo foi organizado em três seções. Na primeira seção, discorreremos, de maneira breve, sobre algumas das mudanças em voga na sociedade contemporânea.

Vivemos em um tempo de mobilidade, instantaneidade, descartabilidade dos afetos, dentre outras questões que modificam as formas de ser e de estar no mundo. Acreditamos que tais mudanças não são necessariamente negativas, porém, são mudanças que afetam as relações que as pessoas estabelecem entre si.

Na segunda seção, destacamos o período histórico em que foi fundada a Companhia de Jesus, o reflexo social da criação da mesma, bem como os pressupostos e as contribuições do legado inaciano que nos servem de referencial de vida.

Finalmente, na terceira seção, enfatizamos o papel do professor inaciano à luz da Pedagogia Inaciana para que, diante dessa conjuntura, ainda que descrita brevemente em um primeiro momento, possamos atuar como agentes transformadores do cotidiano de forma eficaz e eficiente.

É importante ressaltar que não temos como objetivo comparar discussões realizadas ao longo da Modernidade com as formas de vida contemporânea, até porque isso não seria possível. Nosso objetivo é compreender de que modo valores preconizados pela Pedagogia Inaciana podem ser atualizados, ao contribuírem com o processo de formação dos sujeitos na contemporaneidade. Para tanto, enfatizaremos algumas das discussões preconizadas por Zygmunt Bauman sobre os laços estabelecidos pelas pessoas nos dias de hoje. Segundo o autor, saímos da Modernidade Sólida (laços duradouros) para a Modernidade Líquida (liquidez das relações humanas).

Além disso, realizaremos uma breve análise bibliográfica e documental de algumas obras de Santo Inácio e da Companhia de Jesus que descrevem o contexto da época da fundação da Companhia e abordam os pressupostos e os valores vivenciados e enfatizados por Santo Inácio.

Após essas etapas, descreveremos as principais considerações acerca do papel do professor inaciano frente aos desafios da modernidade, à luz da Pedagogia Inaciana, a

partir dos escritos de Santo Inácio, da Companhia de Jesus e do Manual do Procedimento do Professor do Colégio Catarinense, que nos mostra, de forma bastante didática, como deve atuar aquele que denominamos *professor inaciano*.

OS DESAFIOS DA CONTEMPORANEIDADE

Vivemos em uma época de mudanças. Se o século XX era chamado de “o século da produção de massa”, o século XXI ganha novas denominações: “era da globalização”; “era da informação”; “sociedade do conhecimento”; “sociedade do espetáculo” (Belloni, 2002); “sociedade das ilusões” (Duarte, 2003); “era da incerteza”; “mundo moderno”, entre outras.

Nesse contexto, sabemos que a modernidade é fruto de um processo cujo primórdio, pode-se dizer, desdobrou-se entre os séculos XVI a XVIII, a partir das Grandes Navegações, do Renascimento e da Reforma Protestante, quando foram dados os primeiros estímulos ao individualismo. O Iluminismo, caracterizado pela racionalidade, inaugura a segunda etapa da Modernidade e, a partir do século XX, é possível perceber uma ruptura muito significativa com o passado, o que provoca mudanças fundamentais no terreno das relações sociais, da ciência, da filosofia, da educação, da moral e da economia. A partir de então, o homem vai se isolando e perdendo suas referências (crenças, tradições, valores e ideologia).

A partir do século XXI, com o aperfeiçoamento e o acesso mais facilitado da tecnologia, observamos que as relações entre a sociedade e o espaço são mediadas, cada vez mais, pelos instrumentos da informação. No entanto, é importante ressaltar que, ao mesmo tempo em que essas tecnologias conectam pessoas em vários lugares do mundo, elas ampliam significativamente as desigualdades entre pessoas, mercados e países.

Estamos diante de um mundo que nos surpreende com novas formas de organização de produção e de consumo, novas tecnologias, novos conflitos que redefinem as relações de poder entre os países e novas relações entre as pessoas.

Desse modo, para entendermos um pouco mais sobre essa temática, discorreremos sobre parte dos estudos de Zygmunt Bauman, um dos sociólogos mais respeitados no mundo. Em suas reflexões, Zygmunt Bauman aborda, com muita propriedade, aspectos concernentes à modernidade.

Bauman denomina esse período de “sociedade líquido-moderna”, cuja classificação é definida como a “sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir” (Bauman, 2009, p.7). Tal sociedade, complementa o autor, apresenta uma “*profunda desigualdade de oportunidades que caracteriza o jogo das identidades contemporâneas*”², onde o mais importante é a velocidade, e não a duração (Bauman, 2009, p. 15).

Ele nos diz, ainda, que a metáfora da “liquidez” é relevante para caracterizar o estado da sociedade atual, que, como os líquidos, caracteriza-se por uma incapacidade de manter a forma. Nossas instituições, nossos quadros de referência, estilos de vida, nossas crenças e convicções mudam a todo instante, tudo é temporário.

Bauman (2009, p. 7-8), reforça sua argumentação quando afirma que

Numa sociedade líquido-moderna, as realizações individuais não podem solidificar-se em posses permanentes porque, em um piscar de olhos, os ativos se transformam em passivos, e as capacidades, em incapacidades. As condições de ação e as estratégias de reação envelhecem rapidamente e se tornam obsoletas antes de os atores terem uma chance de aprendê-las efetivamente. [...] Prever tendências futuras a partir de eventos passados torna-se cada vez mais arriscado e, frequentemente enganoso. É cada vez mais difícil fazer cálculos exatos, uma vez que os prognósticos seguros são inimagináveis: a maioria das variações das equações (se não todas) é desconhecida, e nenhuma estimativa de suas possíveis tendências pode ser considerada plena e verdadeiramente confiável.

A sociedade atual, segundo esse autor, é marcada pela superficialidade, por causa da qual a vida passa a ser vivida em condições de incerteza constante. Segundo ele, “para se livrar do embaraço de ser deixado para trás, de ficar preso a algo com o qual ninguém quer ser visto”, o indivíduo acaba sendo seduzido pelos prazeres do consumo, o que reafirma, ao mencionar que “a vida líquida alimenta a insatisfação do eu consigo mesmo” (Bauman, 2009, p. 19).

Para um melhor entendimento do que vem acontecendo na sociedade contemporânea, Bauman nos remete ao conceito de *comunidade*. Esse autor nos mostra

² De acordo com Bauman (2009, p.13), no mundo capitalista, existe o agente consumidor, que utiliza os bens ou serviços disponíveis. Para o autor, a frustração maior do agente consumidor não é a falta do produto, mas sim a multiplicidade de escolhas disponíveis. Este autor, alerta, sobretudo, que “*participar do jogo não é uma escolha, mas [os agentes consumidores] também não têm a opção de ficar de fora*”. Além disso, há certo maniqueísmo no capitalismo líquido, com a utilização da imagem de personalidades renomadas para passar credibilidade ou mesmo certa autoridade nos produtos e serviços que estão à disposição para o consumo.

que as palavras guardam sensações e que, em relação à palavra *comunidade*, seu significado nos remete a algo bom. Ele afirma que as companhias e as sociedades podem ser más, mas não a comunidade. *Comunidade* é sempre um lugar confortável e aconchegante, onde todos se entendem bem, cujos participantes nunca são estranhos uns para os outros (Bauman, 2003).

Para o autor, o que a palavra *comunidade* evoca “é tudo aquilo de que sentimos falta e de que precisamos para viver seguros e confiantes. Em suma, comunidade é o tipo de mundo que não está, lamentavelmente, ao nosso alcance – mas no qual gostaríamos de viver e [que] esperamos vir a possuir” (Bauman, 2003, p.9). Nesse sentido, participar de uma comunidade nos remete a um senso de pertença, de coletividade, de comprometimento. Bauman (2003) cita Redfield (1971) para nos dizer que a comunidade é fiel à sua natureza e que “oferece todas as atividades e atende a todas as necessidades das pessoas que fazem parte dela. A pequena comunidade é um arranjo do berço ao túmulo” (Idem, p.17).

Interessante também é a menção que Bauman faz ao Mito do Tântalo. Refletindo sobre esse mito, é possível fazer uma analogia com o mundo contemporâneo, uma vez que, nos dias atuais, temos, muitas vezes, a sensação de que as coisas desaparecem no momento em que acreditamos que as tínhamos. Parece-nos que as grandes multinacionais nos oferecem o “belo ramo de frutas” através das imagens, dos códigos e das propagandas, seduzindo-nos ao consumo, mas um forte vento nos tira a possibilidade de chegar ao ramo, como aconteceu com Tântalo.

Outro aspecto importante que vale a pena ressaltar é a definição de Redfield acerca dos principais atributos das “comunidades reais”. Segundo Bauman, os atributos são os seguintes: *distinção*; *pequenez* e *autossuficiência*.

Distinção significa: a divisão entre “nós” e “eles” é tanto exaustiva quanto disjuntiva, não há casos “intermediários” a excluir [...] não há problema nem motivo para confusão – nenhuma ambiguidade cognitiva e, portanto, nenhuma ambivalência comportamental. *Pequenez* significa: a comunicação entre os de dentro é densa e alcança tudo, e assim coloca os sinais que esporadicamente chegam de fora em desvantagem, em razão de sua relativa raridade, superficialidade e transitoriedade. E *autossuficiência* significa: o isolamento em relação a eles é quase completo, as ocasiões para rompê-los são poucas e espaçadas (BAUMAN, 2003, p. 17-18).

É interessante perceber que esses atributos se unem e conferem proteção aos membros da comunidade em relação às “ameaças a seus modos habituais” (BAUMAN, 2003,

p.18). No entanto, para Bauman (2003, p. 18), “a distância, outrora a mais formidável das defesas da comunidade, perdeu muito de sua significação”, isso porque as condições para a existência das comunidades sofrem alterações com o avanço da comunicação, uma vez que há uma maior possibilidade de contato entre os membros de dentro da comunidade e o mundo externo.

Nesse contexto, no mundo atual, muitas situações afligem as pessoas como um todo. A possibilidade do desemprego, a insegurança diante da violência onipresente, a preocupação com o desamparo em caso de doença ou a chegada da velhice, as dúvidas sobre o futuro dos filhos e da família são alguns aspectos que formam um cotidiano de miséria material e moral que a todos atinge. Cada vez mais, há a sensação de que, se sairmos do mercado de trabalho por algum motivo, ou ficarmos velhos, chegaremos à fila dos “descartáveis”. A incerteza ronda o mundo atual...

Outro aspecto muito significativo na obra de Bauman diz respeito aos conceitos de “comunidade ética” e “comunidade estética”. Para esse autor, a “comunidade ética” faz parte do sonho moderno, e é orientada por normas, tradições e destinos partilhados, tecida por compromissos de longo prazo, pelo compartilhamento fraterno e por direitos inalienáveis e obrigações inacabáveis, com perspectiva de futuro (Bauman, 2003, p.68).

Por outro lado, a “comunidade estética”, cada vez mais comum em nossa sociedade atual, é a comunidade criada com as novas identidades reunidas em torno do entretenimento, de celebridades e ídolos. Na “comunidade estética”, celebridades surgem hoje para desaparecer amanhã sem deixar rastros. Problemas brotam todos os dias, mas escapam assim que surgem. Um dos aspectos que diferenciam as duas comunidades propostas por Bauman, pode-se dizer, é que a comunidade estética não tece,

Entre seus membros [,] uma rede de responsabilidades éticas e, portanto, de compromissos em longo prazo. Quaisquer que sejam os laços estabelecidos na explosiva e breve vida da comunidade estética, eles não vinculam verdadeiramente: eles são literalmente *vínculos sem consequências*. Tendem a evaporar-se [...] Como as atrações disponíveis nos parques temáticos, os laços das comunidades estéticas devem ser experimentados, e experimentados no ato – não levados para casa e consumidos na rotina diária (BAUMAN, 2003, p. 67-68).

A comunidade estética é flexível e mutável, o que se sobressai é o efêmero. Por isso, os medos e as preocupações enfrentados individualmente no cotidiano são temporariamente deixados de lado.

É importante ressaltar, também, que Bauman (2003, p.20) faz uma relevante citação de Eric Hobsbawm, ao afirmar que “a palavra *comunidade* nunca foi utilizada de modo mais indiscriminado e vazio do que nas décadas em que as comunidades no sentido sociológico passaram a ser difíceis de encontrar na vida real”.

Aprofundando ainda mais essa discussão, Bauman (2003) afirma que, diante da impossibilidade de encontrar uma comunidade, uma nova forma de haver entendimento e segurança, o conceito de *identidade* ganha muita importância. A identidade, segundo ele, é a substituta contemporânea da comunidade; ela (a identidade) incorpora a individualidade ao pertencimento a grupos ou filiações a estilos de vida, mas, de forma nenhuma, esse pertencimento pode ser similar ao pertencimento comunitário – é sempre um pertencimento temporário, revogável e precário; além disso, também é incapaz de trazer a segurança trazida pela comunidade.

Desse modo, conciliar esse individualismo com os interesses coletivos é um desafio para o mundo contemporâneo e, também, uma tarefa das mais difíceis, pois as instituições e os valores do passado, elos que entrelaçavam os projetos individuais aos coletivos, são referências estranhas à fase líquida da modernidade, em que cada um tenta capacitar-se por si só para as incertezas do futuro³

Consideramos que seja relevante, neste momento, descrever, ainda que brevemente, o contexto dos jovens, pois lidar com eles, segundo nosso entendimento, é um dos desafios do professor iniciante e da escola no limiar do século XXI, frente a todas as turbulências do mundo contemporâneo.

O jovem de hoje se encontra conectado ao mundo virtual, geração denominada, por muitos estudiosos, como a *Geração Homo Zappiens*, os chamados *nativos digitais*. Schlemmer caracteriza essa geração como constitutiva de sujeitos que:

[...] desejam estar no controle do fluxo da informação; são jogadores assíduos de *games*; comunicam-se por meio das TD's [Tecnologias Digitais] a maior parte do tempo (*MSN, Skype, Gtalk*, salas de *chat*, telefones celulares), utilizando uma linguagem própria; integram diferentes tipos de redes sociais (possuem amigos virtuais, com os quais interagem sem nem mesmo conhecê-los de forma presencial/física, sendo que, muitas vezes, esses amigos são até em maior número

³ Na obra “Amor Líquido”, Bauman destaca o impacto dessa situação nas relações humanas, onde o indivíduo se vê diante de um dilema terrível: de um lado, ele precisa dos outros como o ar que respira, mas do outro, ele tem medo de desenvolver relacionamentos mais profundos, que o imobilizem em um mundo em permanente movimento. Na referida obra, o autor mergulha no que ele denomina “fragilidade dos laços humanos” e nos apresenta a sua percepção acerca da forma como o homem sem vínculos – segundo ele, figura central dos tempos modernos – se conecta.

que os amigos presenciais/físicos); dificilmente leem manuais; criam identidades virtuais para interagir em salas de *chat* e avatares para aprender em mundos virtuais; memorizam mais endereços de *URL's* do que verbos irregulares; customizam suas músicas, criam textos, imagens, vídeos e os compartilham na *internet*, socializando ideias, formas de pensar... (Schlemmer, s/d *online*).

Todavia, o aspecto mais inquietante dessa temática, para nós, é observar que, em meio a tudo isso, o jovem não consegue, ainda que utilizando-se da linguagem computacional, conectar-se com profundidade. A partir disso, podemos afirmar que tal dicotomia é um reflexo social das inserções a que estamos submetidos todos os dias pelos meios de comunicação em massa, cada vez mais controlados por empresas e grupos financeiros transnacionais.

Ao mesmo tempo em que estão mergulhados no ciberespaço, com dezenas de amigos nas redes sociais, muitos se encontram solitários. Ao mesmo tempo em que curtem várias fotos, diversos pensamentos e muitas palavras de seus “conhecidos virtuais”, eles não curtem o diálogo com seus pais ou com os mais próximos.

Tudo isso, como já afirmamos anteriormente, é resultado de um esfacelamento dos relacionamentos sociais e familiares, o que causa o vazio e o empobrecimento de amizades, a sensação de desamparo e de incompletude. O conflito da sociedade moderna se trata da sensação de estar só perante a multidão, o que José Ottoni Outeiral classifica como *a falta de vínculos afetivos parentais* em uma sociedade marcada pelas superficialidades nas relações. Zimerman (1999, p.25), denomina esse cenário de “Cultura do Narcisismo”, “onde o indivíduo debate-se em uma acirrada competição para ter direito a um lugar ao sol”.

No entanto, em meio a tantas reflexões, é importante observar as possibilidades de transformação desse cenário. É possível transformá-lo? Acreditamos, firmemente, que sim, e é a partir dessa certeza que destacaremos, a seguir, a conjuntura histórica em que aconteceu a fundação da Companhia de Jesus e o legado de Santo Inácio de Loyola, construindo pressupostos que podem servir de suporte e alicerce para a transformação da vida dessa geração, que, incentivada a mergulhar no mundo virtual, mergulha na superficialidade, deixando de lado os valores humanos e cristãos.

A FUNDAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS E O LEGADO DE SANTO INÁCIO DE LOYOLA

A Companhia de Jesus foi fundada por Santo Inácio de Loyola em 1534, e reconhecida, pelo Papa Paulo III, por volta de 1540. É importante frisar que a obra de Santo Inácio surge em um período de profundas transformações em muitas áreas da vida humana, tais como na cultura, na política, na religião, na economia, enfim, em uma época em que houve uma intensa ruptura com as estruturas medievais. O mundo medieval deu espaço ao Renascimento, pregando uma visão mais Humanista, onde o homem passa a ser visto como a criação mais perfeita de Deus. Nesse cenário, surgiram conflitos e situações que ainda hoje repercutem em todo o mundo.

É importante ressaltar que, nesse período, aconteceu a Reforma Protestante, denominada, por muitos autores, como o *“Renascimento Religioso”*. Em relação a isso, Neves (2002, p. 231) afirma que, esse Renascimento Religioso foi um “amplo movimento de mudanças sociais, tendo a religião como principal referência; [esse período se situa] no bojo do processo de transição da Idade Média para a Idade Moderna [...], cuja designação inclui a ideia de negação da tradição medieval e de retomada do cristianismo primitivo”.

É nesse contexto bastante conturbado, principalmente para a Igreja Católica, que Santo Inácio funda a Companhia de Jesus. Para Neves, as ordens religiosas, com destaque para a Companhia de Jesus, foram as principais responsáveis pela renovação e pelo fortalecimento do clero e da Igreja como um todo. Para essa autora, a Companhia de Jesus foi a mais importante ordem religiosa para a Reforma Católica na época (NEVES, 2002)

Santo Inácio fundou uma ordem religiosa diferente das outras que existiam e que eram voltadas ao ascetismo e à contemplação. Ou seja, essas congregações respondiam a um contexto de concepção de Igreja “fora do mundo”, um fenômeno designado de *“fuga mundi”*. Isso significava que a missão e a santificação eram realizadas internamente, no plano individual, mediante o exercício diário da espiritualidade e do trabalho manual dentro dos conventos.

A Companhia de Jesus se diferenciava das outras ordens, pois o rigoroso ascetismo não estava em harmonia com suas características; sua feição era inovadora, “moderna”, queria “estar no mundo” e “ser do mundo”. Para isso, os jesuítas instalavam suas igrejas e comunidades perto de vias públicas.

Em 1548, é fundado o primeiro colégio da Companhia de Jesus, o Colégio Messina, na Itália. Em dezembro do mesmo ano, Inácio escreveu uma carta para toda a Companhia recomendando a fundação de colégios pela Europa.

Em 1580, a Companhia contava com 5000 homens, dirigia 144 colégios e estava presente em estações missionárias ao redor do mundo. De 1570 a 1760, o mundo católico se tornou um grande colégio jesuítico. Contudo, Santo Inácio, um homem à frente de seu tempo, tinha a convicção de que não adiantava formar bons religiosos apenas: era preciso formar, segundo Santo Inácio, crianças e jovens que vivenciassem os valores humanos e cristãos⁴.

Para Santo Inácio e para a Companhia de Jesus,

Educar [...], particularmente em sua atualização após o Concílio Vaticano II, articula-se, de forma estreita, com evangelizar, pois, para seus membros, educar não é apenas oferecer informações científicas, mas transmitir valores que possibilitem, ao aluno, refletir sobre si próprio e sobre o mundo que o cerca (com características globalizantes, consumistas, narcisistas e hedonistas, entre outras), de forma crítica, com intenções de transformá-lo em um ser humano mais justo. A educação jesuíta pretende, assim, uma educação em valores, com um posicionamento ético (FLECHA, 2009, p.12).

Não podemos esquecer que a organização, a participação e a elaboração de inúmeros documentos voltados à esfera educacional, como a *Ratio Studiorum* (1599), as *Características da Educação da Companhia de Jesus* (1986) e a *Pedagogia Inaciana* (1993), bem como as Congregações Gerais, foram primordiais para a evangelização a partir da educação, como queria Santo Inácio.

Além da contribuição à educação, podemos mencionar, ainda, a imensa e valiosíssima contribuição da Companhia de Jesus em duas frentes: a primeira para revigorar a Igreja Católica (na época, século XVI), e a segunda para expandir o Catolicismo para o mundo (FRANCO *apud* FLECHA, 2009).

Através disso, é possível verificar que, desde o início, a Companhia de Jesus se destacava pela sua presença nos mais diversos lugares da Terra: Europa, Ásia e América

⁴ Para descrever essa preocupação de Santo Inácio, James Martin, em sua obra “A Sabedoria dos Jesuítas para (Quase) Tudo – Espiritualidade para a vida cotidiana”, ed. Sextante, 2012, cita Jerônimo Nadal, um dos primeiros membros da Companhia de Jesus, quando ele afirma que “em todas as coisas, atitudes e conversas, Inácio contemplava a presença de Deus e vivenciava a realidade das coisas espirituais, de forma que ele era um contemplativo em ação e acreditava que Deus deve ser encontrado em tudo (MARTIN, 2012, p.190).

Latina, com seu ardor missionário, a universalidade de seu projeto e seus pressupostos apostólicos⁵.

Acreditamos que Santo Inácio e seus companheiros queriam levar a Boa-nova para todos, ou seja, “globalizar”, expandir os ensinamentos católicos, o Cristianismo Católico, levando-o a todos os cantos do planeta e confirmando o pedido do próprio Cristo, escrito no Evangelho de Marcos com os seguintes dizeres: “Vão pelo mundo inteiro e anunciem a Boa-notícia para toda a humanidade” (Mc 16,15).

A seguir, teceremos algumas considerações acerca do papel do professor frente aos desafios da contemporaneidade, à luz da Pedagogia Inaciana e a partir de escritos de Santo Inácio, da Companhia de Jesus e do Manual do Procedimento do Professor do Colégio Catarinense, que nos mostra, de uma forma bastante didática, como deve atuar aquele que denominamos *professor inaciano*. Assim, poderemos verificar em que medida tais ensinamentos seguem vivos e de que modo a Pedagogia Inaciana pode contribuir com os processos educativos contemporâneos.

O PAPEL DO PROFESSOR INACIANO À LUZ DA PEDAGOGIA INACIANA

Como percebemos anteriormente, a obra e o legado de Santo Inácio estão muito presentes e vivos em nosso cotidiano e são, a nosso ver, uma possibilidade de superar alguns dos desafios da contemporaneidade. Tal afirmação converge com o que nos diz Kolvenbach apud Klein sobre a Pedagogia Inaciana, que foi “inspirada na espiritualidade de Santo Inácio de Loyola, especialmente no seu livro Exercícios Espirituais” (KOLVENBACH apud KLEIN, 1999, p.7)⁶.

⁵ Em suma, a Companhia de Jesus distinguiu-se desde suas origens, que coincidem com o nascimento da Idade Moderna, pelo caráter internacional de sua missão, pela universalidade de seu projeto, de sua irradiação apostólica e ação educativa, que contribuíram na expansão do catolicismo para além da Europa e no desenvolvimento científico, literário e artístico, bem como no diálogo intercultural, no caráter integrador entre fé e humanismo, fé e cultura e fé e justiça. Dessa forma, então, não há como fugir à verdade inquestionável de que, já no século XVI, Inácio de Loyola pretendia unir a humanidade nos conceitos cristãos da fé com a missão de servir a Deus.

⁶ Publicados em 1548, por Santo Inácio, os Exercícios Espirituais são uma série de instruções práticas sobre métodos de oração e exames de consciência, orientadas a conduzir a uma decisão consciente e livre, planificadas em uma variedade de meditações e contemplações e oferecidas àqueles que desejam tornarem-se livres para se deixar conduzir por Deus na realização da missão a que o Senhor os convida. Entende-se por Exercícios Espirituais, segundo Santo Inácio, “qualquer modo de examinar a consciência, meditar, contemplar, oral, vocal ou mentalmente e outras atividades espirituais. Porque, assim como passear, caminhar e correr são exercícios corporais, também se chamam exercícios espirituais os diferentes modos de a pessoa se preparar e dispor para tirar de si todas as afeições desordenadas e, tendo-as afastado, procurar e encontrar a vontade de Deus na disposição de sua vida” (Loyola, 1996, p.2).

Outro aspecto muito significativo trazido por esse autor e que merece ser destacado é a preocupação de Santo Inácio em formar pessoas competentes, conscientes e comprometidas com os outros e para os outros. É interessante ressaltar, ainda, que, para Santo Inácio, isso corresponde a uma mudança radical no modo de pensar e de agir, pois, para ele, é importante que as pessoas transformem o modo de ver a si mesmas, os outros e as estruturas sociais.

Nesse sentido, percebemos o Paradigma Pedagógico Inaciano (PPI) como o caminho e a possibilidade para a construção do conhecimento e para a construção de valores, sendo esse um processo dinâmico e consciente em que se integram e interagem os cinco passos da Pedagogia Inaciana: *Contexto* (situar a realidade em um contexto ou situar-se nela), *Experiência* (experimentar vivencialmente essa realidade), *Reflexão* (refletir sobre a experiência), *Ação* (agir consequentemente à reflexão) e *Avaliação* (avaliar a ação e todo o processo anterior), atingindo diretamente as pessoas e modificando a realidade envolvida⁷.

Assim sendo, a partir dessas constatações e da análise do “*Manual de Procedimento do Professor do Colégio Catarinense*”, criamos o termo *professor inaciano* para caracterizar o professor que atua nas instituições educativas da Companhia de Jesus. Optamos por essa terminologia porque, para vários jesuítas, assim como Kolvenbach, citado na Introdução do referido Manual, “**os professores das instituições da Companhia de Jesus, além de serem profissionais qualificados, devem ser homens e mulheres de Espírito e recordar que o que o professor é se comunica com mais significado do que o que ele diz**” (Manual, 2011, p.5 – grifo nosso).

Mais adiante, ao descrever a educação jesuíta, o professor é citado como sendo um conhecedor e seguidor da visão inaciana:

Uma educação Jesuíta supõe um coração e uma visão universais e, ao mesmo tempo, requer enraizamento, diálogo e compromisso com pessoas e contextos concretos. Portanto, o educador jesuíta necessita estar comprometido com as normas e os regulamentos concretos da comunidade educativa local e, ao mesmo tempo, estar aberto ao diálogo amplo, profundo e responsável com seus pares. **As pessoas escolhidas para fazerem parte da comunidade educativa de um centro educativo da Companhia serão homens e mulheres capazes de entender a sua natureza especial e de contribuir para a realização das características resultantes da visão inaciana.** (Idem, grifo nosso).

⁷ Consideramos importante destacar que a Pedagogia Inaciana não é uma mera metodologia, mas caracteriza-se pelas mudanças de atitude, valores e princípios. Como nos afirma Petty, a “*pedagogia por lo tanto es mucho mas que un método, implica una antropologia: un ideal de hombre y de mujer, una teleologia: una meta que evoluciona con lossiglos y también una metodologia: que implica El arte de enseñar la disciplina y La relaciones con los colegas*” (Petty, 2007, p.3).

Dessa maneira, fica muito claro que o professor inaciano deve estar imbuído de muito mais do que conteúdos acadêmicos, métodos e teorias científicas. Isso é bastante importante, mas, além disso, o “professor inaciano” deve ser, lembrando Pedro Arrupe, “*perito de Deus e perito dos homens*”. Klein corrobora esse pensamento, quando afirma que “o professor tem um papel crucial no processo educativo, atuando como parceiro de aprendizagem, muito mais pela adesão aos valores e o testemunho de vida que pelos métodos pedagógicos empregados” (Klein, 2002, p.2).

Além disso, segundo Klein (2002), “a oferta principal do colégio [jesuíta] não é um acúmulo de informações, nem a preparação para o ingresso na universidade, mas uma formação integral (excelência acadêmica, firmeza de caráter, retidão de juízo e da sensibilidade, sentido estético, consciência e compromisso social) que perdurem ao longo da vida” (Klein, 2002, p.2).

Para Klein, é bastante relevante destacar, também, a responsabilidade do professor inaciano frente a todo esse cenário, onde seu papel é o de mediar não somente o conhecimento, mas, sobretudo, desenvolver, no aluno, um senso de autoestima e favorecer para que se torne uma pessoa responsável na sociedade (Klein, 2002).

Em virtude disso, o professor inaciano, através de suas atitudes e palavras, é capaz de dar pistas de como os alunos podem ser mais para os outros, deixando de lado o espírito de competição, o sentimento de superioridade e da arrogância, atitudes e sentimentos muito presentes no mundo moderno.

A cada momento, sentimos mais fortemente a certeza de que o processo de ensino-aprendizagem deve ser contínuo, e o papel do professor, assim, é o de instigar, entender, provocar e orientar, fazendo a mediação entre o conhecimento e o aluno e, além disso, deve-se deixar clara, para os alunos, a relevância do significado e da aplicabilidade do que ele está aprendendo.

Como já enfatizamos anteriormente, o professor inaciano não é um mero *transmissor* de informações, mas sim um *mediador*, um orientador de todos os processos, principalmente, segundo nosso entendimento, dos que levam os alunos a transcenderem às informações, aos conceitos, aos valores, às atitudes e às habilidades, de modo que lhes seja possível crescer como pessoas e como cidadãos.

Enfim, mais uma vez, reforçaremos a ideia de que, além de ser um profissional qualificado, o professor inaciano deve ser um homem ou uma mulher de Espírito, que

valorize e estimule os alunos em todos os momentos do processo de ensino-aprendizagem, constituindo uma fonte inesgotável de motivação e sempre buscando elevar a autoestima do aluno através da valorização de suas criações, produções e transformações. Nesse sentido, o professor inaciano deve permanecer sempre na busca do diálogo, do respeito às diversidades, da valorização da vida e da sensibilização dos aspectos humanos nas relações, respeitando o sentimento de alteridade.

Cabe destacar que o trabalho do professor inaciano deve vislumbrar o caminho do *Magis*⁸, que, em breves palavras, pode ser entendido como o *querer ser melhor*, não mais do que os outros, mas *para* os outros, tanto no cotidiano escolar quanto no exercício das atividades profissionais posteriormente e, em consequência, na vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca de propagar e levar adiante o projeto do Reino, Santo Inácio abraça a educação como um meio de realizar a missão de Jesus Cristo. Fruto da experiência mística inaciana, da sua visão de Deus, de um Deus criador e redentor, e do homem, criado para louvar, reverenciar e servir a Deus, a Pedagogia Inaciana é a continuidade dessa experiência mística, na qual se concretiza o carisma educacional da Companhia de Jesus.

Dessa maneira, conforme discutimos ao longo do presente artigo, estamos inseridos em uma sociedade caracterizada por um desenvolvimento sem limites da ciência e da técnica, incitando novas necessidades, novos modos de produção e novas atitudes. A sociedade atual recebe informações a todo o momento, mas, muitas vezes, falta-lhe o domínio das habilidades de leitura e de filtragem de tais informações.

Semelhantemente a isso, em um cenário também bastante conturbado, Santo Inácio criou a Companhia de Jesus e, a partir dos Exercícios Espirituais, ofereceu-nos a Pedagogia Inaciana. Desde então, procuramos identificar qual é o papel do professor inaciano frente a todos os desafios do mundo moderno.

⁸ Segundo Klein, *Magis* é um conceito fundamental na espiritualidade inaciana e na pedagogia dos Jesuítas dela decorrente. Procede da consideração inicial dos Exercícios Espirituais, denominada Princípio e Fundamento. Segundo Arzubialde, o “mais” é a docilidade à vontade divina, assim como o “mais” da relação positiva do homem com as coisas e o horizonte inesgotável de liberdade e o chamado à comunhão com um Deus sempre maior (Klein, 2002, p.19). Podemos dizer, ainda, que o *Magis* é uma atitude permanente de incômodo com o que já conseguimos, o que nos leva a uma constante procura do aperfeiçoamento na promoção da justiça.

Através da prática pedagógica, o professor inaciano é convidado a contribuir para a formação intelectual e espiritual dos alunos que ingressarem nas instituições da Companhia de Jesus, possibilitando, assim, a formação de cidadãos conscientes e críticos, preocupados e atuantes na busca de iniciativas criativas e responsáveis, visando a transformar a realidade em benefício do bem comum.

O Papa Francisco, em uma audiência realizada no Vaticano para mais de nove mil alunos de colégios jesuítas da Itália e da Albânia, em junho de 2013, reforçou e corroborou nosso entendimento, quando afirmou que:

na escola, o elemento principal é aprender a ser magnânimo. A magnanimidade: esta virtude do grande e do pequeno, que nos faz olhar sempre o horizonte. O que quer dizer ser magnânimo? Quer dizer ter o coração grande, ter grandeza de alma, quer dizer ter grandes ideais, o desejo de realizar grandes coisas para responder àquilo que Deus nos pede, e propriamente para realizar bem as coisas de cada dia, todas as ações cotidianas, os compromissos, os encontros com as pessoas; fazer as coisas pequenas de cada dia com um coração grande, aberto a Deus e aos outros (PAPA FRANCISCO, 2013)⁹.

No encerramento da audiência, Sua Santidade deixou um significativo recado para os professores, ao qual acreditamos dever ser vivenciado ainda mais pelos professores inacianos. Dizia o Santo Padre,

[...] aos Jesuítas, aos professores, aos trabalhadores das vossas escolas e aos pais [que] não percam a coragem diante das dificuldades que o desafio educacional apresenta! Educar não é uma profissão, mas uma atitude, um modo de ser; para educar, é necessário sair de si mesmo e estar em meio aos jovens, acompanhá-los nas etapas de seu crescimento e estar ao seu lado. Dar, a eles, esperança e otimismo para o seu caminho no mundo. Ensiná-los a ver a beleza e a bondade da criação e do homem, que conserva sempre a marca do Criador. Mas, sobretudo, [instruí-los para que] sejam testemunhas, com a vossa vida, daquilo que comunicam. Um educador — Jesuíta, professor, trabalhador, pais — transmite conhecimento, valores com as suas palavras, mas será incisivo sobre os rapazes se isso for acompanhado com o seu testemunho, com a sua coerência de vida. Sem coerência, não é possível educar! (Idem).

⁹ Discurso do Papa Francisco, realizado em 07 de junho de 2013 no Vaticano e dirigido para mais de nove mil alunos dos colégios jesuítas da Itália e da Albânia. Texto *Online*, acessado em 09 de junho de 2013 in <<http://www.jesuitasbrasil.com/jst/conteudo/visualiza_lo12.php?pag=%3Bportaljesuitas%3Bpaginas%3Bvisualiza_lo12&cod=6539&secao>>.

Enfim, acreditamos que o professor inaciano deve estar aberto ao novo e levar consigo a “*cura personalis*”¹⁰ para a busca do “*magis*”, mostrando, aos seus alunos, com seu testemunho, que o “ser para os demais” depende, muitas vezes, apenas de nós.

É dessa forma que o professor inaciano é convidado a continuar a obra de Santo Inácio e fazer com que o aluno supere, principalmente, a cultura da superficialidade que ronda o mundo moderno, com a utilização intensa e desenfreada das tecnologias digitais.

A esse respeito, o Papa Francisco, em sua mais nova Carta Encíclica “**Lumen Fidei**”, ressalta esse pensamento, quando afirma que, “na cultura contemporânea, tende-se, frequentemente, a aceitar como verdadeira apenas a [informação advinda] da tecnologia: é verdadeiro aquilo que o homem consegue construir e medir com a sua ciência; é verdadeiro porque funciona, e assim a vida se torna mais cômoda e aprazível” (Papa Francisco, 2013, p.31).

Acreditamos que a educação jesuíta deve preparar os alunos para agirem com “*o filtro da ética*”, para que, diante deste mundo com tantas possibilidades e opções, aprendam a tomar decisões que venham a contribuir na sua formação humana integral.

Referências

BANGERT S. J., William V. **História da Companhia de Jesus**. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____, Zygmunt. **Amor Líquido**. Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro, 2004.

_____, Zygmunt. **Comunidade**. A busca por segurança no mundo atual. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2003.

BELLONI, et alli. **A formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

Bíblia Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.

BOTERO, Horácio. **Inácio de Loyola: Fundador da Companhia de Jesus**. Bogotá, Colômbia, s/d.

¹⁰ Denomina-se “*cura personalis*” a característica básica da educação Jesuíta, que tem como objetivo o desenvolvimento intelectual, afetivo, moral e espiritual de cada aluno.

DUARTE, Newton. **Sociedade do Conhecimento ou Sociedade das Ilusões?** Polêmicas do Nosso Tempo. São Paulo: Autores Associados, 2003.

FLECHA, Renata Dumont. **DO PECADO PESSOAL AO PECADO SOCIAL: A SOLIDARIEDADE NA REATUALIZAÇÃO DO ENSINO RELIGIOSO DA COMPANHIA DE JESUS.** Tese de Doutorado, Belo Horizonte, Faculdade de Educação da UFMG, 2009.

FUENTES, Jose Luis. **Pedagogia Inaciana – uma visão sintética.** Rio de Janeiro: Centro Pedagógico Pedro Arrupe, 1999. Texto digital.

KLEIN, Luiz Fernando. **A Proposta Pedagógica Inaciana está clara. E a mudança?** Minicurso proferido no 3º Congresso Inaciano de Educação. Itaici, SP, 2002. Documento online – <http://eduignaciana.tripod.com/docum/sengeklein.pdf>. [Acessado em 15 de julho de 2013]

_____, Luiz Fernando. **Exercícios Espirituais: Escola de Formação para a Pedagogia Inaciana.** São Leopoldo: UNISINOS, II Encontro de Professores de Teologia da AUSJAL, 2/9/1999. In: <http://www.jesuitasbrasil.com/jst/pessoa/temp/anexo/1135/2590/1546.pdf> [Acessado em 15 de julho de 2013].

LOYOLA, Inácio de. **Exercícios Espirituais.** São Paulo: Loyola, 1996.

_____, Inácio de. **Obras Completas.** Madrid: BAC, 1963.

MANUAL DE PROCEDIMENTO DO PROFESSOR DO COLÉGIO CATARINENSE. Florianópolis, 2011 (mimeo).

MARTIN, James. **A Sabedoria dos Jesuítas para (Quase) Tudo.** Espiritualidade para a Vida Cotidina. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. **Currículo, Diferença Cultural e Diálogo.** Educação & Sociedade, ano XXIII, no. 79, agosto de 2002.

NEVES, Joana. **História Geral: a construção de um mundo globalizado.** São Paulo: Editora Saraiva, 2002.

O'MALLEY, John W. **Os primeiros jesuítas.** São Leopoldo: UNISINOS; Bauru, EDUSC, 2004.

ORSI, Maria Julia S. **Família: Reflexos da Contemporaneidade na Aprendizagem Escolar.** In: I Encontro Paranaense de Psicopedagogia, novembro de 2003.

OSOWSKI, Cecília e BECKER, Lia B. (org.). **Visão Inaciana da educação: desafios hoje.** São Leopoldo: Unisinos. s/d.

PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica **Lumen Fidei.** São Paulo: Paulinas, 2013.

PEDAGOGIA INACIANA: uma proposta prática. São Paulo: Loyola, 1994.

PETTY, Miguel. **Pedagogía Ignaciana – Pedagogía de los Jesuitas**. Texto Online, 2007, acessado em 10 de junho de 2013, in <http://pt.scribd.com/doc/6178891/Petty-Miguel-Pedagogia-Ignaciana-Pedagogia-Jesuita-2007>.

PIMENTEL, Raquel Guedes. **“E agora, José?”: jovens psicólogos recém-graduados no processo de inserção no mercado de trabalho na região da grande Florianópolis**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFSC, Florianópolis, 2007.

PROVIN, Priscila & KLAUS, Viviane. **A Escola tem Futuro? Diferentes olhares sobre a escola da contemporaneidade**. 2012.

SCHLEMMER, Eliane. **Ensino e Aprendizagem no Mundo Digital, desafios e perspectivas para a inovação na educação**. Online, s/d.

VEIGA NETO, Alfredo. **Educação e crise são, reciprocamente, causa e consequência uma da outra**”. Entrevista Especial para IHU online em 28 de janeiro de 2008. In: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/11783-%60educacao-e-crise-sao-reciprocamente-causa-e-conseq%C3%BCencia-uma-da-outra%60-entrevista-especial-com-alfredo-veiga-neto> [Acessado em março de 2012].

ZIMERMAN, David E. **O Homem Frente às Transformações do Mundo na Transição do Milênio**. Uberlândia, 1999.